

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO  
DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

**CARLA CARLINE CASTELO DO NASCIMENTO BEZERRA**

**NARRATIVAS SOBRE O COLETIVO DENDÊ DE LUTA: PARTICIPAÇÃO  
POPULAR DE JUVENTUDE EM UMA COMUNIDADE DE FORTALEZA**

**EUSÉBIO – CE**

**JULHO DE 2020**

**CARLA CARLINE CASTELO DO NASCIMENTO BEZERRA**

**NARRATIVAS SOBRE O COLETIVO DENDÊ DE LUTA: PARTICIPAÇÃO  
POPULAR DE JUVENTUDE EM UMA COMUNIDADE DE FORTALEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará.

Orientadora: Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EUSÉBIO – CE  
JULHO DE 2020

Catálogo na fonte  
Fundação Oswaldo Cruz  
Escritório Técnico Fiocruz Ceará  
Biblioteca Fiocruz Ceará  
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B574n Bezerra, Carla Carline Castelo do Nascimento.  
Narrativas sobre o Coletivo Dendê de Luta: Participação  
Popular de Juventude em uma Comunidade de Fortaleza. /  
Carla Carline Castelo do Nascimento Bezerra. – 2020.  
37 f. : il. : color.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas.  
TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção  
de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –  
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

1. comunidade. 2. juventude. 3. luta. 4. Participação.  
5. protagonismo. I. Título.

CDD – 362.1068

Catálogo elaborado pela bibliotecária Camila Victor Vitorino Holanda CRB-3 1126

CARLA CARLINE CASTELO DO NASCIMENTO BEZERRA

NARRATIVAS SOBRE O COLETIVO DENDÊ DE LUTA: PARTICIPAÇÃO  
POPULAR DE JUVENTUDE EM UMA COMUNIDADE DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas  
Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza

---

Profa. Dra Claudiana Nogueira de Alencar  
Universidade Estadual do Ceará

---

Ms<sup>a</sup> Luizete Vicente da Silva  
Universidade Federal do Ceará

Data da Aprovação: \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2020

EUSÉBIO-CE

## RESUMO

Este trabalho se constituiu em um aprofundamento, da sistematização de experiência, realizada com o coletivo Dendê de Luta no contexto do curso de especialização em educação popular e promoção de territórios saudáveis na convivência com o semiárido da FIOCRUZ Ceará. Tem como objetivo geral analisar o processo de participação popular vivido a partir deste coletivo e de forma mais específica, historicizar sua trajetória de luta; descrever as ações por ele desenvolvidas; problematizar as singularidades de um processo participativo e comunitário organizado pela juventude e descrever as formas de participação popular organizadas pelo coletivo com moradoras e moradores da comunidade. Como abordagem metodológica, utilizamos a sistematização de experiência apresentada por Jara Holliday (2006) em diálogo com os círculos de cultura, método sistematizado por Paulo Freire (1992; 2002). A análise dessa experiência desvela a existência de jovens que vão equalizar a experiência de juventudes que vão à luta e não toleram passivamente a opressão, pois carregam consigo a rebeldia necessária para a resistência e para a elaboração de inéditos viáveis. O trabalho do Coletivo revela uma caminhada de luta embasada em uma construção teórica, ética e política para a superação das situações limite do cotidiano e a busca de emancipação. Revela ainda o compromisso do grupo de realizar um trabalho com a comunidade e não para ela, como também o despertar de uma consciência crítica das pessoas da comunidade para essa mobilização. O coletivo ao incluir a arte como linguagem, cria uma possibilidade expressiva e criativa para enlaçar simbolicamente a comunidade e, a partir dela incluir outras questões como a pauta LGBTQI+, a pauta ambiental, bem como a revitalização de espaços públicos, dentre outras.

**Palavras-chave: comunidade, juventude, luta, participação, protagonismo.**

## RESUMEN

Este trabajo constituyó una profundización de la sistematización de la experiencia, realizada con el colectivo Dendê de Luta en el contexto del curso de especialización en educación popular y promoción de territorios saludables en la convivencia con el semiárido de FIOCRUZ Ceará. Su objetivo general es analizar el proceso de participación popular experimentado desde este colectivo y, de manera más específica, historizar su trayectoria de lucha; describe las acciones desarrolladas por él; problematizar las singularidades de un proceso participativo y comunitario organizado por jóvenes y describir las formas de participación popular organizadas por el colectivo con los residentes y residentes de la comunidad. Como enfoque metodológico, utilizamos la sistematización de la experiencia presentada por Jara Holliday (2006) en diálogo con los círculos culturales. El análisis de esta experiencia revela la existencia de jóvenes que igualarán la existencia de jóvenes que van a la lucha y no toleran pasivamente la opresión en la que llevan consigo la rebelión necesaria para la resistencia y para la elaboración de novedades viables. El trabajo del Colectivo revela un viaje de lucha basado en una construcción teórica, ética y política para superar las situaciones límite de la vida cotidiana y la búsqueda de la emancipación. También revela el compromiso del grupo para llevar a cabo el trabajo con la comunidad y no para ello, así como el despertar de una conciencia crítica de las personas en la comunidad para esta movilización. El colectivo, al incluir el arte como lenguaje, crea una posibilidad expresiva y creativa para vincular simbólicamente a la comunidad y, a partir de ahí, incluir otros temas como la agenda LGBTQI +, la agenda ambiental, la revitalización de espacios públicos, entre otros.

**Palabras clave: comunidad, juventud, lucha, participación, protagonismo.**

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>4</b>
<b>2. Caminho metodológico</b>	<b>7</b>
<b>3. A caminhada do coletivo Dendê de Luta e a participação popular: costurando reflexões</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Historicização do coletivo Dendê de Luta</b>	<b>9</b>
<b>3.2 Caminhos trilhados pelo coletivo Dendê de Luta</b>	<b>13</b>
<b>3.3 Participação e juventudes na periferia: potências do reexistir</b>	<b>20</b>
<b>4. Pontos de chegada</b>	<b>24</b>
<b>5. Referências</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se constituiu em um aprofundamento, da sistematização de experiência, realizada com o coletivo Dendê de Luta no contexto do curso de especialização em educação popular e promoção de territórios saudáveis na convivência com o semiárido da FIOCRUZ-Ceará. O coletivo foi apontado pela comunidade como uma experiência que promove vida e saúde dentro do território do Dendê. Pensado e animado por jovens da comunidade, este grupo é o desdobramento de um grêmio estudantil, no qual seus participantes ao finalizarem o ensino médio perceberam a necessidade de continuar suas ações, não mais como grêmio estudantil, mas como espaço de participação popular que chamaram Coletivo Dendê de Luta.



Imagem do álbum produto da sistematização coletiva 2019

No percurso da sistematização coletiva nos deparamos com algumas questões, dentre as quais, a participação popular e o protagonismo dessa participação sendo exercida pela juventude. Percebemos a importância de explicitar esta experiência no sentido de disseminar a luta coletiva da comunidade do Dendê. Durante o processo deste trabalho alguns questionamentos foram surgindo: como esse coletivo tem fomentado a participação popular da juventude na comunidade? Qual a singularidade de um processo participativo vivido em uma comunidade periférica? Esses questionamentos e a minha implicação foram às motivações iniciais para trazer



esta temática como foco deste estudo, na perspectiva de aprofundar esta experiência, que surgiu de forma menos densa na sistematização coletiva.

Partindo de Valla (1998), percebemos a participação popular como uma energia social insubstituível para as conquistas e transformações das periferias. Segundo o autor a participação popular pode ser compreendida em ações sociais que influenciam, elaboram e agem nas necessidades mais básicas dos subalternizados, como na saúde, no transporte coletivo, educação, habitação dentre outros.

Demo (1995, p.18) chama atenção para a importância de compreendermos que a participação:

Não pode ser entendida como dádiva, porque não seria produto de conquista, nem realizaria o fenômeno fundamental da autopromoção. [...] Não pode ser entendida como concessão, porque não é fenômeno residual ou secundário da política social, mas um dos seus eixos fundamentais;[ ] Não pode ser entendida como algo preexistente porque o espaço de participação não cai do céu por descuido, nem é o passo primeiro.

Somos testemunhas da escassez de condições mínimas para a existência humana nas comunidades periféricas, assim sendo, a própria população cria novos modos de sobrevivência e de cobrar seus direitos mais fundamentais. Vemos o coletivo Dendê de Luta como uma ferramenta de empoderamento da comunidade, como um tipo de consciência social coletiva, que vai possibilitando o florescer de outras consciências.

Ao trazermos como foco deste trabalho um coletivo de juventude, passamos a nos questionar, sobre o que seria a juventude? Ao buscarmos referências na literatura percebemos a diversidade de concepções. Desde a psicologia e psicanálise (BIRMAN, 2005; KEHL, 2007) que vão além do conceito de juventude como sendo uma das etapas do desenvolvimento humano, mas também um modo de estar no mundo. KEHL (2007) afirma que:

Difícil precisar o que é juventude. Quem não se considera jovem hoje em dia? O conceito de juventude é bem elástico: dos 10 aos 40, todos os adultos são jovens. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo é um sinal de saúde e disposição (KEHL, 2007, p44).

Dentro de uma perspectiva tão vasta do que seria a juventude, poderíamos pensar que o ser humano jovem é alguém que já não é mais uma criança, mas também não é ainda um adulto. É como se fosse um estado de transição entre formas de existências, com a mesma energia que a juventude sai da categoria de infante que não é capaz de responder por si, ela se recusa a entrar no mundo adulto enfadonho sem o desejo de transformá-lo.

Além de complexo, o termo juventude não é singular. Podemos pensar em juventudes, pois como todas as camadas sociais carregam suas peculiaridades, e com o termo juventude não seria diferente. Segundo Birman (2005), não podemos pensar que a juventude atravessa os corpos do mesmo modo. Aqui, colocamos em evidência a juventude periférica que carrega por gerações as mazelas históricas de um Brasil devastado desde 1500. Neste cenário, buscamos na bibliografia das ciências sociais, dentre as quais ressaltamos, particularmente, os trabalhos de pesquisa da professora Marília Pontes Sposito (1997; 2002; 2009), nos quais refere ao estudo da categoria juventude como plural e complexo, pois decorre de muitos saberes como a Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas, dentre outros. Por um lado, para esta pesquisadora, a palavra transitoriedade é notadamente peculiar à juventude, devido ao fato de que o jovem se encontra na condição de passagem da idade infantil para a idade adulta. Por outro, segundo a autora, é pertinente observar nas pesquisas como se dão os recortes pesquisados e estariam determinados pelo espaço/tempo. Em outras palavras, a permeabilidade existente entre a categoria pesquisada e os fenômenos sociais, culturais, históricos e econômicos. Nesse cenário, Sposito (1997) esclarece que a juventude na década de 1960 era o problema referido à crise de valores e costumes; na década de 1970, tornou-se sinônimo de problema econômico, particularmente, em relação ao trabalho; na década de 1980, as pesquisas destacavam o envolvimento com grupos e violência urbana. Nessa linha de raciocínio, Sposito (2002) cita a pesquisa de Mauger (1994, p. 6) realizada com jovens franceses, e pondera que a categoria juventude pode ser considerada “epistemologicamente imprecisa”. Sposito (2009) destaca ainda a importância da pesquisa sobre grupos juvenis, uma vez que, no levantamento realizado das temáticas sobre juventude nas pesquisas de pós-graduação, na Educação,

Ciências Sociais e Serviço Social, nos anos de 1999 a 2006, do total de 1427 trabalhos, apenas 64 exploravam o universo dos grupos juvenis. Nesse sentido, o trabalho ora apresentado tem relevância por contribuir com o campo de discussão sobre a temática dos grupos juvenis, dentre outros aspectos.

A partir do cenário acima apresentado, consideramos pertinente observar que a juventude vem sendo midiaticizada devido não só aos infortúnios sofridos, mas também aos proporcionados por ela. Queremos aqui descortinar que a juventude não é só isso. Na experiência que temos vivenciado com o Coletivo na comunidade do Dendê, a juventude também é tempo de desejar, de transformar e de reelaborar. Essa mesma juventude periférica retratada nos programas policiais se contorce e já não aguenta mais carregar o peso da violência estrutural do Brasil de geração em geração. Segundo Minayo (2006), dentre os mais diversos tipos de violência encontramos a violência estrutural, como um processo sócio-histórico de negação das condições mais básicas para uma existência digna (alimentação, saúde, moradia, acesso ao bem estar social, cultural e político), e que desembocará em tantas outras formas de violência experimentada pela juventude de forma naturalizada por parte da sociedade.

Ainda pensando sobre o que seria juventude, podemos pensar sobre ela como uma categoria social, que vai além do cronológico. Para Groppo (2000), a juventude está atrelada a papéis sociais e culturais de uma socialização, nos quais os personagens dessa categoria são singulares arrastando suas narrativas únicas que revelam o lugar desse ou dessa jovem na sociedade: oportunidades, classe social, cor da pele, gênero, religião são as nuances que vão sendo reverberadas com as atuações desses jovens.

Assim percebemos que o coletivo Dendê de Luta é formado por uma juventude que carrega consigo uma trajetória perpassada por uma comunidade precarizada, mas que ao modo em que é precarizada em função das iniquidades sociais, essa mesma comunidade traz possibilidades de enfrentamento das situações limites do cotidiano, onde se pode sair da condição de subalternizado e construir inéditos viáveis para superação dessa realidade banhada de injustiças sociais. Nessa linha de raciocínio, acreditamos

na importância de trazer aqui reflexões no sentido do não se acomodar diante da realidade e da importância de ir ao combate. Aqui ressaltamos esse desejo de ir à luta como um modo de rebeldia diante da realidade. A rebeldia como sinônimo de indignação mediante as violações de direitos, conforme nos aponta Freire (1992, p. 55):

Os quilombos foram um momento exemplar daquele aprendizado de rebeldia, de reinvenção da vida, de assunção da existência e da história por parte de escravos e escravos que, da “obediência” necessária, partiram em busca da liberdade.

Metaforicamente podemos fazer um paralelo entre os quilombos citados por Freire em *Pedagogia da esperança* (1992) e a juventude periférica que não se convence diante do vazio deixado pelos opressores. Vemos como ato de rebeldia a luta pelo amanhã menos horrendo, rebeldia não no sentido vulgar de bagunça, mas sim como um ato de resistência, como uma forma de existência banhada pela esperança de um devir mais leve para todas e todos rumo à emancipação social.

Diante dessa contextualização, pretendemos com esse estudo, de forma mais geral analisar o processo de participação popular na comunidade do Dendê partindo da experiência do coletivo Dendê de Luta e de forma mais específica, historicizar a trajetória de luta deste coletivo descrevendo as ações desenvolvidas pela juventude no Dendê, problematizar as singularidades de um processo participativo e comunitário organizados pela juventude e descrever as formas de participação popular organizadas a partir desse coletivo com moradoras e moradores da comunidade do Dendê.

A relevância deste estudo está no fato de, ao buscarmos referências acadêmicas sobre participação popular e juventude termos nos deparado com a inexistência de estudos sobre este coletivo Dendê de Luta tão atuante na comunidade do Dendê.

Percebemos a importância da sistematização desta experiência no sentido de dar visibilidade ao processo de participação popular promovido pelo coletivo Dendê de Luta, e, desse modo, equalizar vozes silenciadas e mostrar para outras comunidades que apesar de gritarem e mostrarem a todo o momento que as coisas não são do jeito que são e ponto final, existem

coletivos que vão à contra mão do sistema opressor e dizem que é possível reescrever outras histórias. Pretendemos com este estudo socializar os aprendizados dessa experiência para outras comunidades principalmente às da periferia de Fortaleza com o intuito de que percebam o potencial participativo da juventude na comunidade.

## **2. CAMINHO METODOLÓGICO:**

Como proposta metodológica, utilizamos a sistematização de experiência apresentada por Oscar Jara Holliday (2006), trabalhando com a ideia de cinco passos, que são ponto de partida, formulação do plano de sistematização, recuperação do vivido, reflexões de fundo e os pontos de chegada. Concordamos com Holliday (2006, p. 24), ao compreendermos este caminho metodológico:

Parece que o mais característico e próprio da reflexão sistematizadora é que ela busca penetrar no interior da dinâmica das experiências. Algo assim como entranhar-se nesses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas, localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria.

Ademais, para Holliday (2006), a sistematização consiste em uma interpretação crítica do vivido, na qual se possa explicitar a dinâmica de uma narrativa passada, e ao final se compartilhar o aprendizado significativo de todo o processo buscando transcender a experiência inicial.

Seguindo os cinco passos elaborados por Holliday (2006), o nosso ponto de partida para a sistematização coletiva elaborada com o coletivo Dendê de Luta, e moradoras e moradores da comunidade do Dendê. Em seguida, partimos para a recuperação do vivido, o que foi a reconstituição histórica, a partir de fotografias e registros da sistematização coletiva, nesse momento nos apoiamos em elementos do círculo de cultura.

O círculo de cultura é uma proposta pedagógica elaborada por Paulo Freire (1992; 2002) que parte do saber das experiências das pessoas envolvidas na atividade.

Caracterizam-se como lócus privilegiado de comunicação-discussão embasada no diálogo, na experiência dos atores-sujeitos, na produção teórica da educação e na escuta, a qual se orienta pelo desejo de cada um e cada uma de aprenderem as falas do outro e da outra, problematizando-a e problematizando-se. (BRASIL, 2016, p.39)

Segundo Freire (1992), partindo do contexto e das experiências dos atores envolvidos no círculo de cultura, talvez possa se chegar a uma tomada de consciência dos envolvidos, ao ponto que possam refletir de forma crítica sob suas realidades, onde se possa questionar o porquê das coisas, para que se possa vislumbrar um amanhã menos opressor.



Imagem do álbum produto da sistematização coletiva 2019

O contato com o material produzido na sistematização coletiva, fez emergir palavras geradoras que foram posteriormente agrupadas por semelhança e afinidade e, desse modo, surgiram os temas geradores. Para Freire (2001) as “palavras geradoras”, representam a leitura de mundo das pessoas, uma forma de simbolizar a realidade vivida por elas, por conseguinte, respeitar sua história.

A partir dos temas surgidos, fizemos uma narrativa recuperando e detalhando o vivido na sistematização em relação a cada tema. Essa narrativa foi gravada e posteriormente transcrita. Em continuidade com a transcrição das narrativas, passamos ao que Holliday (2006), chamou de reflexões de fundo,

ou seja, a interpretação crítica do vivido. Para isso realizamos o que no processo do círculo de cultura, se chama de problematização.

Problematizar a experiência nos levou a levantar questionamentos para aprofundar as temáticas trazidas na narrativa almejando ultrapassar a percepção inicial e caminhar por uma criticidade do real, a fim de transformá-lo:

A ampliação do olhar sobre a realidade, com amparo na ação-reflexão-ação, e o desenvolvimento de uma consciência crítica que surge da problematização permitem que homens e mulheres percebam-se sujeitos históricos, o que implica a esperança de que, nesse encontro pedagógico, sejam vislumbradas formas de pensar em um mundo melhor para todos. Esse processo supõe a paciência histórica de amadurecer com o grupo, de modo que a reflexão e a ação sejam realmente sínteses elaboradas com eles. (BRASIL, 2016, p. 40).

Por fim buscamos identificar os aprendizados, inquietações e sugestões que constituíram os pontos de chegada da metodologia proposta.

### **3. A CAMINHADA DO COLETIVO DENDÊ DE LUTA E A PARTICIPAÇÃO POPULAR: COSTURANDO REFLEXÕES**

Ao revisitar os produtos construídos na sistematização coletiva realizada com atores e atrizes do grupo e da comunidade sobre a experiência do coletivo Dendê de Luta, tais como: álbum de fotografias e relatórios da cartografia social foram emergindo palavras geradoras que ajudaram a produzir esta narrativa que está permeada de afetos e percepções construídas nas experiências coletivas e na qual o saber subjetivo é um saber absorvido das relações sociais. Esta é uma narrativa singular atravessada pela coletividade. Eis aqui nossas percepções advindas da aproximação com a participação popular da juventude na comunidade do Dendê, tendo como pano de fundo a caminhada do coletivo Dendê de Luta.

#### **3.1 Historicização do Coletivo Dendê de Luta**

De acordo com a sistematização coletiva (2018), Dendê de Luta é um coletivo comunitário, constituído por estudantes, trabalhadoras e trabalhadores da comunidade do Dendê. Foi criado oficialmente em 2018 pelo descontentamento em relação ao cenário social da comunidade. Gerado a partir de um grêmio estudantil que foi acolhendo outros membros a partir das divulgações e das atividades que realizavam o coletivo. Não têm estruturas

físicas e nem monetárias e seus objetivos são pautados no enfrentamento das violações de direitos, visando à melhoria do cotidiano dos moradores e moradoras da comunidade do Dendê.



Imagem do álbum produto da sistematização coletiva 2019

Como já dito anteriormente, seu início se dá dentro de um grêmio composto por estudantes do último ano do ensino fundamental e dos três anos do Ensino Médio (2013 a 2017), de uma escola pública da comunidade do Dendê, na periferia de Fortaleza.

O grupo inicialmente foi estruturado com o intuito de melhorar a dinâmica escolar. A luta, a princípio, seria pela melhoria da merenda, das salas de aula, dos laboratórios, dentre outros pontos que os jovens almejavam transformar, mas esses desejos de transformação foram transbordando para fora da escola. Nesse sentido, foram pensando também sobre os problemas da comunidade que reverberavam na escola. Nascia no grupo o sentimento de transformação diante de situações limites. Como barreiras a serem vencidas, essas ações diante das situações limites, de acordo com Freire (1992), podemos nomeá-las de “inédito viáveis”. Segundo este pensador, as situações limites que são os problemas, devem ser enfrentados, discutidos e superados.



Os jovens do coletivo se negavam a aceitar a realidade de forma dócil e passiva, assim elaboraram estratégias que puderam, de acordo com Freire, nomeá-las de “inéditos viáveis”. Nas Notas do Livro *Pedagogia da Esperança* (Freire, 1992, p. 106), Ana Maria Araújo Freire nos diz que:

Esse “inédito viável” é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. Assim, quando os seres conscientes querem, refletem e agem para derrubar as “situações-limites” que os e as deixaram a si e a quase todos e todas limitados a ser-menos o inédito-viável não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável.

Percebemos o atuar do coletivo como uma forma de não compactuar com a realidade posta, como uma fonte de energia que os mobiliza a lutar, energia que possibilita a elaboração do inédito viável e não alienado diante das “situações-limites” vividas na comunidade do Dendê.

Dando continuidade ao percurso da sistematização coletiva elaborada em 2019, no ano de 2016, de 05 de Maio a 06 de Agosto, o coletivo que ainda era grêmio estudantil, participou de uma ocupação na escola na qual estudavam. O momento político do Brasil nesta época era de luta em várias escolas públicas pelo país inteiro (Gohn, 2017).

Segundo o relatório de Sistematização (2019), a princípio a luta dos estudantes na adesão a ocupação da escola na comunidade do Dendê, era em solidariedade a uma possível paralisação dos professores em prol da melhoria das condições de trabalho, dentre as quais, ter oportunidade de cursar especializações, mestrado e doutorado. Uma das motivações que os fizeram participarem da luta de seus professores e professoras foi a partir da reflexão de que os benefícios que chegassem aos professores resvalariam em todos eles (educandos). Porém, com a continuidade das atividades, a paralisação se efetivou. Assim, como não haveria aulas a entrada deles estava barrada pela coordenação da escola; A partir desse fato, em assembleia refletiram que se a escola era deles e delas, por que não poderiam entrar?

Decidiram entrar e ocupar a escola. Junto com a comunidade escolar passaram a ir para as reuniões na Secretaria de Educação do Ceará e a participarem das mesas de negociações. Nesse contexto, perceberam que

tinham voz através de cartazes, faixas, instrumentos musicais e lançando mão de todas as possibilidades de seus corpos, começaram a sentir mais fôlego e desejo pela luta, começaram a colocar suas próprias pautas, dentre as quais, o acesso democrático a escola, a melhoria da infra estrutura, e não menos importante, as pautas pedagógicas em relação a remodelação da grade curricular. O ainda grêmio estudantil e futuro coletivo Dendê de Luta elaborou várias atividades durante a ocupação dentre elas uma roda de conversa sobre o documentário “Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile”, de Carlos Pronzato (2016). Este documentário serviu como fonte de inspiração. Além da participação de alunos e professores a comunidade do Dendê também tinha acesso às atividades da escola. (Relatório de Sistematização Coletiva, 2019)

Ainda referenciados no Relatório (2019), os estudantes desocuparam a escola, depois de algumas negociações, dentre estas, uma promessa de reforma, contudo, até o último ano do ensino médio deste grupo de alunos, reforma essa que não se efetivou. Após a ocupação escolar devido ao grande investimento de energia física e afetiva, os integrantes do grêmio estudantil estavam cansados, porém sentiam a necessidade de continuar a luta, eles finalizaram o último ano do ensino médio e ficaram um pouco distantes uns dos outros. No ano seguinte, um dos integrantes percebeu e contagiou os outros jovens com a ideia de que não daria para ignorar esse desejo de participar da transformação social da comunidade do Dendê. Nesse cenário, começaram a se mobilizar novamente, pois as inquietações diante do contexto social e político da comunidade os fizeram retornar às rodas de conversas e reuniões.

Um dos participantes do coletivo agora na universidade em uma visita acadêmica ao acampamento Zé Maria do Tomé percebe que o latifúndio é muito sangrento e a luta pela água é dolorida. Nesta visita foi percebida uma energia de luta inexplicável, onde os visitantes foram recebidos por todos os militantes do MST que estavam no acampamento (Álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

Durante o ano de 2018, o desejo de formar um grupo para além da escola começa a tomar forma e ocorrem as primeiras reuniões para efetivar esse desejo. O coletivo Dendê de Luta surge como um inédito viável que, de acordo com Freire (1992), é uma atitude nova diante de uma situação que já não pode mais passar despercebida, e com um nome que tem a ver com

dinamicidade e com luta, se propondo a atuar em uma perspectiva acolhedora e desburocratizada.

Ainda referenciando o Relatório de Sistematização (2019), em seus primeiros encontros e impulsionados pelo desejo de transformação social, o coletivo ocupa um prédio sucateado na comunidade, que antes oferecia atividades artísticas, pedagógicas e culturais por meio de projetos e convênios, os quais foram cortados, em virtude de problemas nas prestações de contas.

A ocupação deste prédio trouxe uma série de dificuldades por sua condição estrutural, que necessitava urgentemente de reformas para garantir a segurança da ocupação (risco de desabamento, falta de água e de energia elétrica). Nesse sentido, o grupo buscou o apoio do poder público para realizar a reforma do prédio, chegando a conseguir uma audiência pública na Câmara Municipal de Fortaleza. No entanto, a burocratização estatal não permitiu que esse apoio se efetivasse ficando insustentável a permanência da ocupação no local.

A tentativa frustrada de ocupar um espaço definido na comunidade levou o grupo a buscar conhecer melhor o território e suas possibilidades, onde passaram a atuar de forma itinerante pela comunidade, fazendo seus encontros em vários lugares como, por exemplo, as praças do Dendê.

Trazendo a perspectiva de conhecer melhor o território para se chegar a uma atuação saudável, trazemos aqui que no contexto da Atenção Primária a Saúde, os profissionais realizam um processo conhecido por territorialização, que de acordo com Pessoa *et al* (2013) é uma atividade essencial para uma relação saudável com a comunidade na qual pretendem atuar, buscando compreender as relações de poder, ideológicas, econômicas, políticas e culturais da comunidade.

Segundo Pessoa *et al* (2013), a territorialização é um ponto de partida para a organização do cuidado e deve constituir-se uma atribuição primordial para os que pretendem atuar de forma ética, responsável e resolutiva. Diz ainda que, para conseguir intervenções responsivas, os atores a quem essas ações se dirigem, devem participar da sua elaboração, pois, dessa forma podem se perceber protagonistas e as atividades passam a ser mais eficazes, pois fazem sentido dentro do processo de transformação das pessoas e da comunidade.

Percebemos que esse processo que estamos chamando de territorialização realizado pelo coletivo Dendê de Luta, acontece de forma bem orgânica, envolvendo a comunidade nas nuances do dia a dia, vão surgindo às demandas e, ao mesmo tempo, formas de resolução delas. Mesmo sem uma concepção teórica desse processo, o coletivo foi constituindo uma proposta de participação da comunidade, visando à transformação social do território e escutando os moradores e moradoras sobre suas necessidades.

A partir desse processo, houve a aproximação de moradores e moradoras da comunidade incomodados com o sucateamento de equipamentos públicos de dentro do bairro e com as crianças nas ruas sendo capturadas por todas as formas de violações possíveis. Foi possível identificar a aproximação de pessoas com as mesmas inquietações, que foram se envolvendo na elaboração de atividades com o objetivo de revitalizar alguns espaços desabitados e que poderiam proporcionar bem estar, saúde e uma melhor convivência comunitária. Essa inserção da comunidade na construção das atividades foi proporcionando novas relações e promovendo espaços de visibilidade e de fala de pessoas que por tanto tempo foram emudecidas pela sociedade.

### **3.2 Caminhos trilhados pelo coletivo Dendê de Luta**

O relatório da sistematização coletiva de 2019 evidencia alguns marcos na trajetória do coletivo Dendê de Luta. Um deles é a caminhada realizada em 2018, com a escola que foi o nascedouro da energia do coletivo e a comunidade do Dendê, em prol da revitalização dos espaços públicos abandonados, mesmo o coletivo não fazendo mais parte do corpo de alunos da escola, seus participantes são atuantes na escola, para que possam dialogar com os estudantes atuais sobre a importância da participação nas decisões da escola, onde possam desconstruir várias ideias impostas ao longo de anos, onde os alunos possam ser protagonistas de seus processos, como também possam ter ao menos espaço para reflexões e críticas. Dias antes dessa caminhada houveram rodas de conversa sobre a sua importância e a confecção de cartazes.

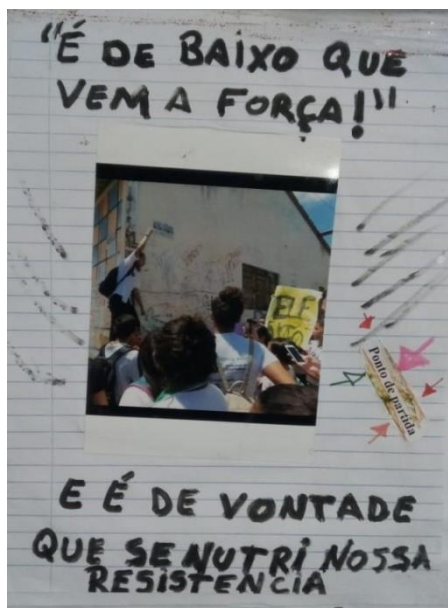


Imagem do álbum produto da sistematização coletiva 2019

A escola que foi a fonte da geração do coletivo é a mesma que os acolheu durante a ocupação escolar de 2016, pensamos em uma analogia com essa ocupação escolar e a luta dos trabalhadores no campo na época da ditadura militar em 1964 aqui no Brasil:

Não há repressão que consiga controlar todo o tempo e todo o espaço. São diversos os caminhos possíveis de serem criados nas formas de resistência, no desenvolvimento da luta de classe. Assim os camponeses, começaram a romper as cercas da repressão e da ditadura militar. Sofrendo a violência dos latifundiários, que aproveitavam a conjuntura política para expulsar os trabalhadores de suas terras, os camponeses organizaram seus espaços de socialização política e de construção do conhecimento para a transformação da realidade. E nesse andar matreiro, próprio de quem sabe como lutar, construíram novos caminhos de resistência camponesa. (Fernandes, 2001, p. 43)

Assim sendo, vemos uma aproximação do coletivo à luta do povo do campo, no sentido de reinventar seus modos de existência e resistência.

Segundo o relatório da sistematização coletiva (2019) percebemos que na comunidade do Dendê assim como em outras comunidades periféricas, existe um modo de atuação de algumas pessoas que historicamente tem assumido o papel de lideranças comunitárias. Essas pessoas, ainda que sofram algum tipo de opressão, devido, principalmente, o sistema pautado na competição e no clientelismo, se colocam ao assumir esses espaços de poder. Percebemos que esta forma de atuação presente na comunidade pode ser

classificada como tutelada, ou ainda cidadania tutelada, pois de acordo com Demo (1992) e Chauí (1984), são alimentadas por práticas políticas domesticadoras, clientelistas e paternalistas que funcionam na perspectiva da concessão. Em outras palavras, à revelia da população local, as práticas políticas domesticadoras definem o espaço de participação, portanto, tal participação não se constitui uma conquista, mas uma concessão do poder, e de uma prática não libertadora porque não resulta da conscientização, no sentido freiriano do termo.

Nesse sentido, Demo (1992, p. 17) esclarece:

Cidadania é o processo histórico de conquistas populares, através das quais a sociedade adquire progressivamente, condições de tornar-se sujeito histórico consciente e organizado, com capacidade de conceber e efetivar um projeto próprio de desenvolvimento social. O contrário significa a condição de massa de manobra, de periferia de marginalização.

O autor traz também a ideia de cidadania como “competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada” (DEMO, 1995, p.1). Neste sentido vemos que coletivo ao olhar para essas experiências de opressão exercidas na comunidade, elabora suas reflexões críticas e se propõe a caminhar em outra direção. Optam por um caminhar de mãos dadas ao desejo de uma comunidade emancipada politicamente, assumindo assim o protagonismo, ou seja, possibilitando homens e mulheres a serem autores de suas próprias histórias.

Eis aí o compromisso do coletivo Dendê de Luta, enquanto participação popular de juventude: o descortinar de possibilidades, como facilitadores do processo de transformação de consciências alienadas em consciências transitivas e críticas, para uma forma de compreensão da vida, em uma jornada do dia a dia rumo a modificação e libertação individual e social.

Vemos na periferia uma pobreza monetária e política, onde as pessoas são marginalizadas e quando tentam se movimentar politicamente são desmobilizadas, porém existe coletivos que como o Dendê de Luta vão resistindo a essas formas de opressão e tutela, e assim buscam construir uma cidadania conquistada e não tutelada, construída de forma paulatina no

convívio do dia a dia das pessoas possibilitando outras formas de existência para além da subalternizada pois, como a descreve Pedro Demo (1992, p.20):

A estratégia secular de obstaculização do processo de formação da cidadania inclui a tutela, em particular políticas sociais assistencialistas que aplacam o potencial reivindicativo e transformador em troca de migalhas.

Concordamos com Demo (1992) quando se refere à emancipação como a capacidade crítica de intervir na realidade e fazer-se sujeito histórico capaz de construir seu destino.

Segundo as reflexões de Lautier (2014), a pobreza é útil para quem dela se aproveita, ela produza submissão da multidão em prol de necessidades essenciais à vida humana, e os detentores desse poder se utilizam disso como forma de dominação dos mais pobres.

Segundo relato de membros do grupo na sistematização coletiva (2019), o ano de 2019 é considerado o do fazer concreto do coletivo, sempre atuando na realidade das necessidades da comunidade, mas buscando atuar com criticidade. Nas ações do coletivo são pensados os aspectos éticos e políticos que serão trabalhados desde a elaboração. Partindo da compreensão que não existe ação neutra, assim sendo o coletivo se aproveita das oportunidades para trabalhar a sensação de despolitização que existem na periferia. Nas palavras de Lautier (2014, p. 474):

Polarizando todas as políticas sociais na questão da ajuda aos pobres (não se generaliza a educação primária; promove-se a escolarização de crianças pobres; não se cria um sistema generalizado de saúde de base; promove-se o acesso dos pobres à saúde; não se providencia a construção de equipamento de esgotamento sanitário nos bairros periféricos: promove-se o saneamento dos bairros pobres, etc.), elimina-se uma noção forte (os direitos sociais) em benefício de uma noção mais do que fraca: trata-se de uma noção vazia. Essa operação é em si mesma, uma operação de despolitização. E, voltando para uma definição rancieriana do consenso, uma noção que “nada nos pede além de consentir”; trata-se, então, da instauração de uma hegemonia consensual.

Caminhando de acordo com a sistematização coletiva (2019), um dos primeiros eventos do coletivo foi o Miss Kids Dendê, que teve como objetivo mostrar para a comunidade que mesmo diante de muitas violações de direitos,

a periferia também tem potencial em desenvolvimento, que são as crianças. Elas são energia viva, as quais podemos cuidar para que sejam energia limpa e tratada possibilitando-lhes um desenvolvimento saudável e com retorno da esperança de dias mais leves para a própria comunidade.

Aqui pudemos fazer a reflexão de que se pode trabalhar a consciência política do ser em vários espaços da periferia. Ao final do evento (Miss Kids Dendê) todas as crianças que participaram foram contempladas com materiais didáticos. Foi trabalhada a ideia de que não precisaria uma criança ganhar o concurso inteiro em detrimento das outras. De que há outras possibilidades de relação, não somente a relação perversa do capital. Foi trabalhada a lógica do ter coletivo como também a reflexão sobre o que é ser belo. Quais os padrões de beleza estandardizados pela nossa cultura?

O coletivo pensou em trabalhar a beleza do ser, nas inúmeras possibilidades presentes no universo infantil. Ao mesmo tempo, também se a beleza do ato de doar da própria comunidade ao oferecer materiais didáticos como prêmio simbólico a todas as crianças participantes, na perspectiva de despertarem todas e todos o potencial de aprender com a participação em todo o processo.

No sentido de tentar fazer um diálogo entre a discussão sobre a beleza e a questão da participação, recorremos à Brunelli, Amaral e Souza. (2019) ao nos lembrar que a preocupação com a beleza vai se materializar principalmente na Grécia Antiga, quando a beleza era tida como um dom divino. Segundo estas autoras, o ato de pintar o rosto, por exemplo, era próprio de ocasiões especiais, sendo realizado e compartilhado entre os pares, e não um hábito do cotidiano.

Ainda de acordo com Brunelli, Amaral e Souza (2019), o advento da industrialização, com o aumento de locais de lazer e a expansão das cidades, traz uma mudança na concepção de beleza, em especial a feminina, pois agora estavam mais expostas e precisavam investir mais energia no embelezamento de si. Porém, a questão que nos resta é: de que tipo de beleza estamos falando? Existe uma beleza que é vendida midiaticamente, será que conseguimos alcançá-la?

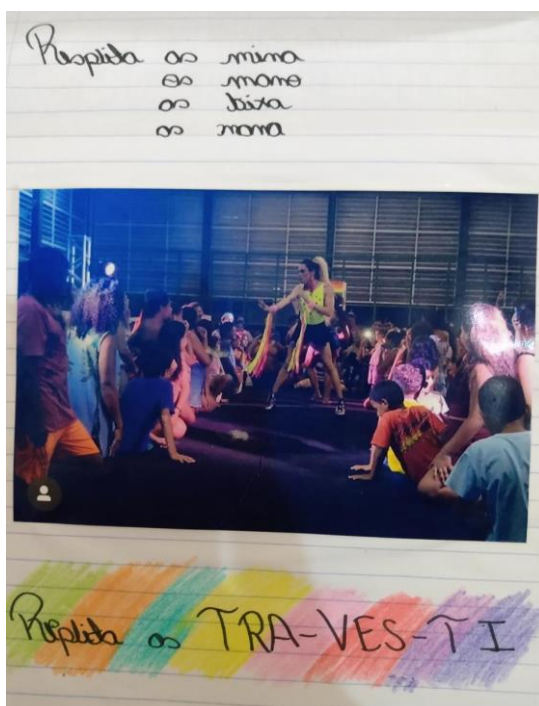
Nas reflexões produzidas na sistematização (2018), pudemos perceber que o coletivo ao trabalhar essas questões, pôde construir junto com a



comunidade outras formas de cultivar o belo. Na ação Miss Kids Dendê foi possível trabalhar uma perspectiva de que as pessoas se desvinculem desses padrões de beleza impostos e que, por vezes, levam as pessoas aos adoecimentos físicos e psíquicos por não se adequarem por várias facetas aos modelos socialmente impostos e trabalhar outra perspectiva realçando o belo que há em cada um e cada uma.

Outra ação evidenciada nos materiais de sistematização, especialmente no álbum comentado, diz respeito à 1ª parada da diversidade da comunidade do Dendê. Essa foi outra ação importante e representou o desejo do coletivo de provocar a comunidade a refletir sobre inclusão, preconceito e respeito às diferenças.

O projeto foi iniciativa de jovens do coletivo que militam no movimento LGBTQI+, mas a elaboração do projeto foi participativa e envolveu outras pessoas além dos membros do coletivo. Foi articulado um apoio institucional da prefeitura de Fortaleza no que diz respeito à parte estrutural, além da participação não remunerada de artistas vinculados ao movimento LGBTQI+ de várias partes de Fortaleza.



Ao mesmo tempo as iniciativas de economia solidária locais foram incluídas para a venda de comidas e bebidas de modo que a comunidade inteira foi mobilizada. Por mais que sejam feitos palestras, seminários e rodas de conversa sobre a pauta LGBTQI+, nada se compara ao contato direto da comunidade com os artistas, a partir de suas elaborações criativas, tais como teatro, música, dança, poesia dentre outros. A arte tem uma linguagem singular, que afeta não somente o cognitivo, mas em especial a alma.

Desde os primórdios da humanidade, as expressões artísticas correspondem à expressão da comunidade e do indivíduo. A arte funciona como um meio de apreensão e reconhecimento das coisas significativas do homem, de experiências externas e internas, sendo um instrumento essencial ao nosso desenvolvimento. A arte, como a compreendemos, tem fundamental importância na trajetória humana, auxiliando o homem a estruturar seu “eu”, liberando forças regeneradoras. Ela possibilita tornar visível o invisível, valendo-se do simbólico. Se visarmos compreender um grupo social, devemos estar abertos às suas músicas, poesias, pinturas, danças e outras manifestações da alma. (DINIZ, 2009, p. 287).

A possibilidade de aproximar a comunidade por meio do contato artístico e cultural com o mundo LGBTQI+ pareceu-nos inovador. Aconteceram interações entre crianças, jovens, adultos e os artistas, não havendo nenhum relato de violação de direitos durante e nem depois do evento.

Outro momento de suma importância para o coletivo foi a inauguração da quadra do Chico Côco, lugar onde, há mais de 30 anos, existia uma rampa de lixo. A empresa de coleta pública sempre fazia a limpeza do local e a comunidade colocava lixo novamente. A proposta inicial foi discutida em conversas realizadas de porta em porta com os moradores, enfatizando a importância do cuidado coletivo da comunidade pela própria comunidade, como também no sentido de perceber e despertar a sensação de pertencimento e apropriação dos espaços públicos e coletivos da comunidade.

Neste sentido fazemos uma aproximação das ações desenvolvidas pelo coletivo de juventude do Dendê e a Educação Popular em Saúde, em relação ao enlace simbólico das pessoas com os processos aos quais elas estejam

inseridas como também com o mundo ao seu redor. O caminho político-pedagógico proposto pela educação popular requer o envolvimento corresponsável de todos participantes na construção, na apropriação e na multiplicação do conhecimento. (Brasil, 2016, p. 26).

Podemos dizer que o coletivo Dendê de Luta consegue estabelecer uma relação de diálogo com moradoras e moradores da comunidade do Dendê, ancorando esse diálogo também nos desejos do grupo de que todos e todas podem ser sujeitos de suas ações:

Queremos mostrar para as pessoas que elas são capazes, que nem sempre precisam se submeter à relações subalternas de poder. ( ) almejamos um transbordamento, sonhamos que nossa essência aumente e inunde os espaços de poder e institucionais, como enxurradas. Com muito trabalho de base vamos mudando a forma de operacionalização da velha e falida forma de lidar com a nossa comunidade. (legenda do álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

Esse movimento gerou um sentido de pertença e corresponsabilidade em relação à quadra do Chico Coco que, atualmente é cuidada e mantida pela comunidade e os moradores exercem o protagonismo e a participação coletiva de forma saudável e corresponsável.

Naquela quadra onde antes era depositado o que não servia mais, os restos de tudo, atualmente as pessoas vão até lá para outras coisas, não mais para descartar seus lixos, mas para fazerem atividade física, passear com as crianças, encontrar pessoas, sorrir... Percebemos uma transformação ética e estética com o lugar e para com as pessoas que o utilizam. Na quadra do Chico Coco existe um campinho de areia, um parquinho de materiais recicláveis, cercada por um jardim cheio de plantas doadas e plantadas em parceria com a empresa de coleta de lixo e a comunidade.



Imagem do álbum produto da sistematização coletiva 2019

O Coletivo parece-nos ter tomado consciência do seu papel na comunidade. Abaixo transcrevemos um trecho do álbum legendado que foi o produto da sistematização coletiva (2019) onde transparece essa consciência.

Vemos que fomos disseminando ideias e ações. Outras pessoas foram comprando nossas ideias. Hoje somos muitos com a mesma ideia, deste modo existe uma possibilidade de identificação conosco por conta da semelhança da vulnerabilidade estrutural ao quais todas as comunidades periféricas estão inseridas. Neste sentido pode acontecer o despertar para transformações de suas comunidades de acordo com suas necessidades e especificidades, entendendo que para além das nossas vivências temos como modificar a realidade.

Neste mergulho sobre a experiência, e considerando o relato acima, podemos sentir a participação popular, de pessoas que, mesmo vivendo no contexto de medo constante devido à violência que assola a periferia e com a desesperança nas figuras de poder, estão dispostas a lutarem pelo melhoramento da comunidade. No primeiro momento as pessoas não acreditam em si mesmas, por conta de todo o histórico de sofrimento e traição ao qual a comunidade está inserida, mas o coletivo vai de encontro em encontro enlaçando simbolicamente mais pessoas.

Antes fazíamos com medo, hoje temos uma certa liberdade até de desejar, porém não somos ativistas alienados, refletimos muito e temos consciência dos nossos fatores condicionantes sociais (legenda do álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

Em outro trecho que compõe as legendas do álbum supracitado (2019) podemos evidenciar o sentido de pertença do grupo à comunidade do Dendê e o compromisso com ela.

Queremos compartilhar um saber comum e emancipatório, hoje sabemos que a gente podia, porque antes a gente não sabia que podia, e hoje podemos levar para a comunidade que ela também pode. Podemos porque a comunidade pode. Somos a comunidade.

Essa forma de se relacionar com a comunidade parece fazer surgir uma nova realidade social como podemos sublinhar de forma concreta com a quadra do Chico Côco, mas também em outras atividades. Construir relações horizontais que partem das ruas e becos da comunidade, onde moradores e moradoras são escutados em suas demandas e possibilidades de resolução, é uma das características do coletivo.

É como se a gente se elevasse criticamente a cada luta, e quanto mais nos elevamos mais vamos enxergando a comunidade e suas estruturas mais profundas. (legenda do álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

A análise do produto de sistematização deixa emergir ainda as motivações do Coletivo para o trabalho em comunidade.

Percebemos que nossas motivações para esta transformação são multifacetadas. Alguns são mobilizados pelo sentimento de amizade já trazido de outras situações, outros pelo desejo de reestruturação da comunidade, como também a conscientização de voltar para a sociedade o que temos de melhor, como devolver para a comunidade possibilidades de ressignificação de suas existências. (legenda do álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

Outra questão que aparece nos relatos é a percepção crítico-reflexiva que construíram sobre a realidade que vivem e o compromisso com a transformação da realidade local.

Como pontos transversais e sempre atuais em nossas pautas percebemos o respeito, tanto entre nós como pela comunidade, a

busca incessante de formas de como ajudar a comunidade, disposição para a trincheira da luta, a amizade e o desejo de lutar por uma causa politicamente e eticamente emancipatória. (legenda do álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

### **3.3 Participação e juventudes na periferia: potencias do reexistir**

Para compreendermos como se dá o processo de participação popular exercida pela juventude na comunidade do Dendê é necessário reafirmar esse território como lugar que se constitui na periferia de uma grande cidade. Nós reconhecemos como classe periférica, como pessoas que sabem onde doem as feridas de um povo subalternizado. O coletivo pôde testemunhar narrativas irrefutáveis de um dia a dia pesado e longo, mas também dia a dia repleto de esperança e de inéditos viáveis.

A periferia é marginalizada, silenciada, e responsabilizada por todos os infortúnios que acontecem com ela, nos noticiários sempre trazem os antecedentes criminais das pessoas das comunidades que estão em relações de conflitos, como se isso respaldasse e ou autenticasse as mazelas que acontecem com elas. O Coletivo expressa na legenda do álbum produto da sistematização coletiva (2019) como se percebem nesse contexto:

Atualmente a juventude periférica paga com a própria vida, pelo abismo existente entre a classe trabalhadora e a classe que se aproveita dos benefícios oriundos do trabalho da primeira. Vemos aqui na comunidade como nossa infância e juventude é capturada pelas formas mais ludibriantes da perversão contemporânea, é contra isso que lutamos, mesmo que de forma discreta estamos estudando e nos articulando para a transformação social que almejamos...

O coletivo chega na contramão desse contexto, para reexistir e equalizar que também na periferia existem autores de suas narrativas cheias de vida e de saúde.

Queremos compartilhar o saber capturado em nossas trajetórias, e provar que isso não é restrito a nenhuma classe social. ( ) Temos o direito de usufruir da cultura e do bem estar. ( ) Nós fazemos parte da produção de tudo que existe na sociedade e temos direito de consumo a tudo que o social pode nos oferecer, inclusive o poder de protagonizar a nossa narrativa. (legenda do álbum produto da sistematização coletiva, 2019)

O Dendê é uma comunidade que enfrenta muitas violações de direitos, quando nos enfrontamos com a análise crítica da realidade, especialmente a partir das reflexões de Freire (1996), percebemos que esta situação não é uma coisa acabada, ela faz parte de um processo histórico e é modificável, mesmo diante de todas as violações de direitos estruturais. A educação popular nos revela possibilidades da comunidade se desvencilhar desses processos de opressão e invisibilidades.

Para compreender um pouco mais as condições que determinam a estrutura da periferia na qual o coletivo Dendê de Luta está inserido, recorreremos a um breve embasamento sócio histórico, fazendo um paralelo com os escritos de Fanon (1968), pois vemos hoje resquícios do Brasil colônia, a partir da convivência na comunidade.

Percebemos que não existem relações neutras. Uma parte da sociedade pertencente à outra camada da estratificação social se apropria das pessoas da comunidade para que façam parte da engrenagem do sistema, porém, mesmo sem ter como fugir totalmente desses enlaces, é sentido dia a dia, a violência territorial e estrutural na comunidade, os colonos chegaram aqui no Brasil e empurraram para as bordas os desfavorecidos.

Seguindo com Fanon (1968) entendemos que a periferia é uma herança colonial, existe violência na periferia por que foram arrastados para a periferia de forma violenta, as comunidades ficam distantes do Centro, á bem pouco tempo atrás os subalternizados tinham que caminhar muito para chegar a este centro, onde estavam os mercados, os hospitais, as escolas, isso é uma violência, violência colonial e estrutural do país pois quando os colonizadores chegaram aqui no continente, tratavam os que aqui já habitavam e os que foram arrastados pra cá de seus países, como uma espécie diferente deles, eram tratados como objeto de satisfação em vários sentidos, desde sexual até a força de trabalho, assim sendo não existia a menor possibilidade de serem tratados com igualdade, como poderiam fazer isso tudo com a própria raça? Negros e índios eram as bestas de cargas, pois foram desde sempre desumanizados, para que assim sendo todas as formas de violações de direitos pudessem ser autenticadas, pelos humanos de bem em detrimentos dos desumanos (atualmente a periferia). Desde então essas amarras se arrastam até os dias atuais, porém essas práticas se transmutam hoje

experenciamos práticas modernas de submissão e escravização das existências dos periféricos. Percebemos essa realidade na comunidade do Dendê, realidade esta que o coletivo Dendê de Luta tenta enfrentar cotidianamente.

Com referência nas reflexões de Fanon (1968) vamos percebendo que essa colonização não é só territorial e física, ela é também subjetiva e nesse sentido fazemos alguns questionamentos: se os indesejáveis são colocados nas bordas do que a sociedade considera ter de melhor, assim sendo o que lhes resta? O que fizeram e o que fazem com as comunidades até hoje? O que as pessoas das comunidades vulneráveis vão internalizando subjetivamente? Como se pode conseguir a libertação da própria mente? Com esses questionamentos o coletivo popular de juventude do Dendê, vai caminhando e tentando construir formas de elaborações possíveis junto com a comunidade para tentar compreender e ressignificar essa realidade.

A experiência do Dendê de Luta evidenciada na sistematização coletiva (2019) parece nos mostrar que as relações envolvendo a música, a poesia, a dança, o brincar, pode ser um caminho de construção de identidades com mentes libertas dos processos colonizadores. Nesse sentido o coletivo vai possibilitando o contato da comunidade com essa forma de elaboração de ser e de se relacionarem por via da arte, através de ações como o Miss Kids Dendê, a Parada da diversidade, a Quadra do Chico Côco, rodas de conversa dentre outras atividades.

Na legenda do álbum produto da sistematização coletiva (2019) os jovens do coletivo expressam a importância da organização para construir processos emancipatórios e de despertar da consciência crítica

Como aprendizagens e lições advindas da nossa tão jovem caminhada, destacamos a organização enquanto coletivo popular, de tornar reais coisas antes inconcebíveis (inédito viável). Neste sentido vamos mobilizando e mediando a possibilidade da transição de consciências alienadas para consciências críticas, através de sentimento e afetos. Vamos sensibilizando e envolvendo as pessoas sem subalternizar ninguém. Vamos promovendo saúde, cuidado, dignidade, mobilidade e respeito, em meio a toda vulnerabilidade.



Desse relato é possível apreender que isso não acontecerá de forma mágica, somente com trabalho de base no dia a dia, se alcançará uma reelaboração de consciências, para que a comunidade construa possibilidades de sair do lugar de objeto, de explorado, do lugar de submissão, para assumir o papel de autores e protagonistas de suas histórias.

Uma questão importante percebida no acompanhamento das atividades e no percurso da sistematização coletiva (2019), diz respeito ao cuidado do coletivo ao modo singular de cada participante do próprio coletivo, existindo assim uma dinamicidade coletiva bem singular. Alguns têm mais fluidez na fala, outros dominam as mídias digitais, outros os jogos com as crianças, ou organização e decoração de eventos, ou mesmo os que assumem mais comumente as reflexões teóricas nas discussões. Essa diversidade de potência na atuação do grupo flui de forma cooperativa e complementar.

Como todo coletivo passa por situações conflituosas e por vezes contraditórias, mas de forma mais geral tem prevalecido o sentido cooperativo, de compromisso grupal. Um relato de um membro do grupo no relatório de sistematização (2019) expressa esse compromisso:

A caminhada do Dendê de Luta faz sentido se a chegada for coletiva, fora da coletividade não acontecerá à transformação. Como não saturar o coletivo pelo desejo da luta constante?

Por fim visualizamos com base na experiência do Coletivo, que ele expressa uma possibilidade de participação popular da juventude no processo de emancipação social, equalizando vozes periféricas que, com toda a sua energia, se colocam para incomodar os ouvidos dos que têm amordaçado e oprimido historicamente a comunidade.

#### **4. Pontos de chegada**

Debruçar-nos sobre a experiência do Coletivo Dendê de Luta, que nos permitiu perceber o coletivo, oriundo de um grêmio estudantil em seu caminhar, que amplia seus horizontes e se propõe a um processo de participação

envolvendo a comunidade para pensar e agir buscando a transformação de sua realidade social.

Várias juventudes compõem o coletivo. Estas são muitas vezes marginalizadas e responsabilizadas por todos os seus infortúnios, porém a análise dessa experiência desvela a existência de jovens que vão equalizar a existência de juventudes diferentes da midiaticizada nos programas policiais. Juventudes que vão à luta e não toleram passivamente a opressão vivida diariamente na comunidade, que carregam consigo uma forma de rebeldia necessária para a resistência e para a elaboração de inéditos viáveis.

Aprendemos com os jovens do Coletivo, que o ativismo não deve estar alienado da participação popular na comunidade. Que a luta consciente, embasada em uma construção teórica, ética e política, é necessária para a superação das situações limite do cotidiano, a luta pelo bem comum e coletivo é o caminho para a emancipação tão desejada. Nesse sentido, percebemos o compromisso do grupo de realizar um trabalho com a comunidade e não para ela, como também o despertar de uma consciência crítica das pessoas da comunidade de se perceberem potente nessa mobilização.

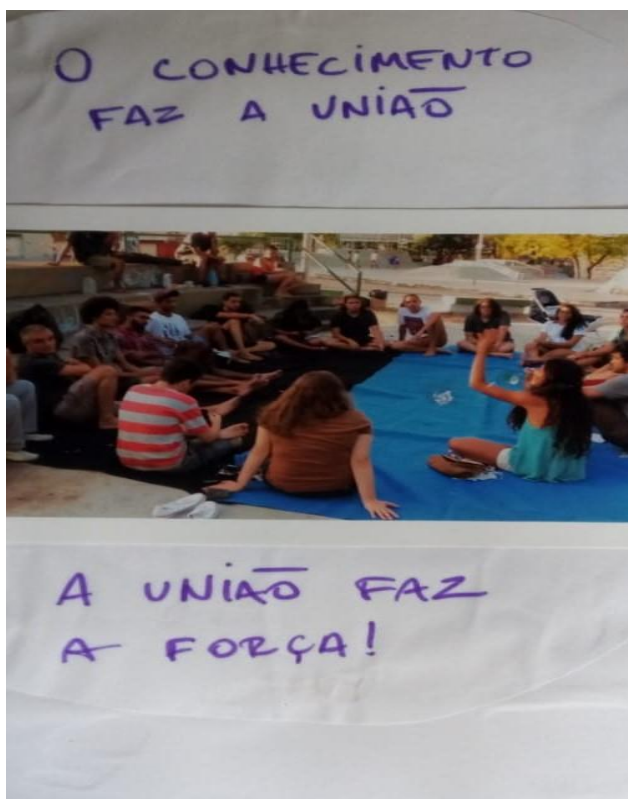


Imagem do álbum produto da sistematização coletiva 2019

Vemos que a luta do coletivo se aproxima de tantas outras comunidades periféricas no que diz respeito às vulnerabilidades, consequência da condição estrutural do Brasil. Essa semelhança também se traduz nas estratégias que estas elaboram em suas lutas para recriarem modos de existência e resistência.

As reflexões do Coletivo nos ajudaram a perceber que, na comunidade do Dendê, espaço de atuação do coletivo, existe uma espécie de cidadania tutelada, configurada na relação das figuras de poder para com os moradores a qual está pautada pelo clientelismo e paternalismo, relação esta, que o coletivo tenta ressignificar.

Uma questão fundamental advinda da experiência, diz respeito às possibilidades que o coletivo cria ao incluir a arte como linguagem, possibilidade expressiva e criativa para enlaçar simbolicamente a comunidade e, a partir dela incluir outras questões como a pauta LGBTQI+, a pauta ambiental, a revitalização de espaços públicos dentre outras.

Por fim, nos juntamos ao Coletivo no desejo que aconteça um transbordamento de energia emancipatória, sonhando que a essência coletiva aumente e inunde os espaços de poder públicos e institucionais e no esperar para um novo devir.

Desejamos que este saber orgânico e emancipatório germine e seja compartilhado, onde for possível, e em especial nas periferias que tanto carregam o peso da desigualdade social.

## 5. REFERENCIAS

1. ACABOU a paz! Isto aqui vai virar o Chile! Escolas ocupadas em São Paulo. Direção, produção e roteiro: Carlos Pronzato. Fotografia de Caio Castor. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw> . Acesso em: 18 maio 2020.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. **A arte e a cultura populares na promoção da vida e da saúde**. Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

3. BRUNELLI, Priscila Barbosa; Amaral, Shirlena Campos de Souza; Souza, Sheila Campos. O uso da semântica democratização da beleza: na tentativa de desconstrução de padrões. **Philologus**, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, ano 25, n. 75, Rio de Janeiro, p. 2422-2433, 2019. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO25/75supl/175.pdf> . Acesso em: 22 maio 2020.
4. CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo: Editora Moderna, 1984.
5. DEMO, Pedro. **Cidadania menor**: algumas indicações quantitativas da nossa pobreza política. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
6. \_\_\_\_\_. **Cidadania Tutelada e Cidadania Assistida**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1995.
7. DINIZ, Lígia. O alcance da arteterapia aplicado em projetos sociais. In: Alves Junior, Edmundo de Drummond. (org.). **Envelhecimento e vida saudável**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. cap. 16, p. 286-295. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/e0sxnX>. Acesso em: 24 maio 2020.
8. FANNON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
9. FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. – 2ª. ed- Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 316 p.
10. FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
11. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
12. \_\_\_\_\_. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.
13. \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. -26ª ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
14. GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
15. GROppo, Luís Antonio. **Juventude – Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel.

16. HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. – 2ª ed. rev. – Brasília: MMA, 2006.
17. KHEL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes, Regina; Vannuchi, Paulo. (Orgs). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 88-111.
18. LAUTIER, Bruno. O governo moral dos pobres e a despolitização das políticas públicas na América Latina. **Caderno CRH**, v. 27, n. 72, p. 463-477, Dec., 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010349792014000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792014000300002&lng=en&nrm=iso) acessado em: 23, 05,2020.
19. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
20. PESSOA, Vanira Matos. et al. Sentidos e métodos da territorialização na atenção primária à saúde: desvelando as relações produção, ambiente e saúde. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.18, n.8, p.2253-2262, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232013000800009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000800009&lng=en&nrm=iso).
21. SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Educação Brasileira**. n.5-6, 1997. Disponível em: [www.anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE06\\_6\\_06\\_MARILIA\\_PONTES\\_SPOSITO.pdf](http://www.anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE06_6_06_MARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf)
22. \_\_\_\_\_. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Juventude e escolarização**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002, p. 7-33.
23. \_\_\_\_\_. Estado da Arte sobre juventude: uma introdução. In: SPOSITO, Marília Pontes. (coord.). **Estado da Arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). v. 2, Belo Horizonte: Minas Gerais: Argvmentvm, 2009, p. 11-15.
24. TORRES, Rosa Maria (ORG). **Educação popular**: um encontro com Paulo Freire. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

25. VALLA, Victor Vicent. Sobre a participação popular: uma questão de perspectiva. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 2, p. S07-S18, 1998.